

Jerivá

Jeriva

HÉLIO FERVENZA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS – Brasil

MARIA IVONE DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS – Brasil

RESUMO

Durante uma viagem ao Uruguai neste verão encontramos um jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) na praça central da cidade de Pan de Azúcar, que nos chamou imediatamente a atenção pelo seu grande e generoso cacho com frutos. O jerivá é uma espécie de palmeira nativa do Brasil, mas também da Argentina, Paraguai e Uruguai. Ela pode crescer até 30m de altura, e seus coquinhos amarelo-alaranjados constituem fonte de alimento para humanos e não-humanos. Segundo o Dicionário de tupi antigo de Eduardo Navarro, o nome deriva de *iara'ybá*. Um encontro com uma planta pode trazer ressonâncias, conexões, relações com a geografia de sua origem, com o tipo de terra, com o clima, com os lugares, com outras plantas, aves, mamíferos e insetos, com a etimologia do nome, com outras pessoas e grupos, com outros tempos, com sua história junto a nós. Este ensaio visual foi realizado a partir da colheita de coquinhos dessa palmeira jerivá. Eles foram incluídos numa sequência de gestos relacionais feitos com as mãos, com os quais pensamos o envolvimento como contato. As telas dos computadores e celulares nos saturam com imagens e informações, e nos afastam da experiência direta com as coisas do mundo. Tatear é sentir e sondar com as mãos a forma, o peso, a textura, a espessura, a resistência de um corpo. No gesto de tocar surge o contato, a comunicação, mas também surge a apreensão como diferença, como limite, como alteridade. O ensaio é também uma convergência de nossas práticas e pesquisas artísticas, onde se entrelaçam as colheitas urbanas, as apresentações, os gestos, as extensões do corpo e da memória.

PALAVRAS-CHAVE

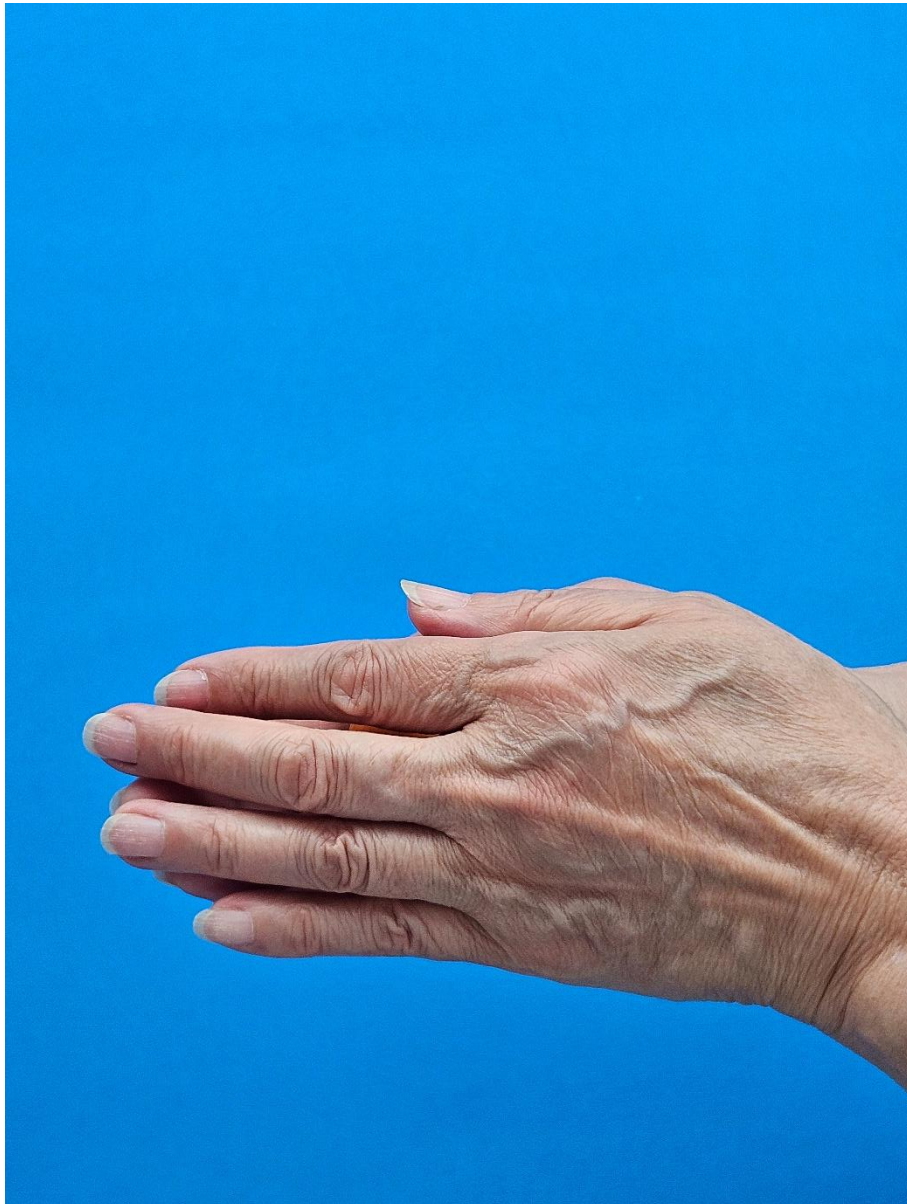
Fotografia, Ensaio visual, Memória.

ABSTRACT

During a trip to Uruguay this summer, we encountered a jerivá palm (*Syagrus romanzoffiana*) in the central square of the town of Pan de Azúcar; it immediately caught our attention with its large, bountiful cluster of fruit. The jerivá is a palm species native to Brazil, as well as Argentina, Paraguay, and Uruguay. It can grow up to 30 meters tall, and its small, yellow-orange fruits serve as a food source for both humans and other living beings. According to Eduardo Navarro's Dictionary of Old Tupi, the name derives from *iara'ybá*. An encounter with a plant can evoke resonances, connections, and relationships: with the geography of its origin, the soil type, the climate, specific places, other plants, birds, mammals, and insects, the etymology of its name, other people and groups, other times, and its shared history with us. This visual essay was created based on the harvesting of small fruits from this jerivá palm. They were incorporated into a sequence of relational hand gestures through which we conceive of engagement as contact. Computer and mobile phone screens saturate us with images and information, distancing us from direct experience with the things of the world. To grope or feel around is to sense and probe a body's shape, weight, texture, thickness, and resistance with one's hands. The act of touching gives rise to contact and communication, but also to apprehension—as difference, as limit, and as otherness. The essay also represents a convergence of our artistic practices and research, intertwining urban foraging, performances, gestures, and extensions of both body and memory.

KEYWORDS

Photography, Visual essay, Memory.























Sobre os autores

Hélio Fervenza é artista visual, realizou Doutorado em Artes Plásticas na Université de Paris I Panthéon-Sorbonne, concluído em 1995. Foi professor no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Foi pesquisador do CNPq entre 1996 e 2022. Atualmente é professor e orientador no Programa de Mestrado em Arte e Cultura Visual da Universidade da República do Uruguai. É autor do livro *O + é deserto*, Documento Areal 3, Escrituras Editora, 2003. Participa dos livros: *Artes Visuais - Coleção Ensaio Brasileiros Contemporâneos*, Rio de Janeiro, FUNARTE, 2017; *Interloquções: Estética, Produção e Crítica de Arte*, Rio de Janeiro, Apicuri, 2012; *Dispositivos de registro na arte contemporânea*, Rio de Janeiro, Contracapa, 2009; *Concepções Contemporâneas da Arte*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006; *A fotografia nos processos artísticos contemporâneos*, SMC / Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2004; *O Visível e o Invisível na Arte Atual*, Belo Horizonte, CEIA - Centro de Experimentação e Informação de Arte, 2002. Apresenta sua produção artística em exposições individuais e coletivas em diversos países desde o início dos anos oitenta, entre elas: Bienal de Veneza (Itália), Bienal de São Paulo (sala retrospectiva 1990-2012), Bienal de Yakutsk – BY14 (Rússia), Bienal do Mercosul (Porto Alegre), Museu da Gravura (Curitiba), Spinnerei – Leipzig (Alemanha), Museu Victor Meirelles (Florianópolis), Pinacoteca de São Paulo (São Paulo), Bienal de Amsterdã (Holanda), Université de Paris I (França), Instituto Itaú Cultural (São Paulo, Belo Horizonte, Brasília), Centro Cultural del Ministerio de Educación y Cultura (Uruguai), FUNARTE (Rio de Janeiro), MARGS (Porto Alegre), Fundación DANAÉ (França, Espanha), Musée des Beaux-Arts de Verviers (Bélgica).

helio.fervenza@ufrgs.br

<http://lattes.cnpq.br/7972005204892014>

<https://orcid.org/0000-0001-6472-3177>

Maria Ivone dos Santos é artista, formada pela HEAR (antiga Escola de Artes Decorativas) em Estrasburgo-França, em 1991. Concluiu seu doutorado em Artes na Universidade Paris I- Panthéon - Sorbonne em 2003. Desde 1998, é professora e pesquisadora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, Brasil. Coordena o Programa FPES - Perdidos no Espaço (UFRGS), a pesquisa "As Extensões da Memória: a experiência artística e outros espaços", e o Grupo de pesquisa "Veículos da Arte" (CNPq). Em sua prática artística vem explorando eixos conceituais em torno do corpo, espaço e memória, nos quais a fotografia devém um dos meios instauradores de situações apresentadas e veiculadas em exposições e publicações, no Brasil e no exterior. Inicia em 2022 o projeto do arquivo Maria Ivone dos Santos (<https://arquivo.mariaivonedossantos.art/>).

maria.ivone@ufrgs.br

<http://lattes.cnpq.br/8186621070642430>

<https://orcid.org/0000-0002-9204-3280>

Nota editorial: Esta autoria é uma contribuição convidada. Em conformidade com a política editorial da revista, foi avaliado e aprovado pelos editores, sem submissão ao processo regular de revisão por pares.

Como citar

FERVENZA, Hélio; SANTOS, Maria Ivone dos. Jerivá. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.129 – 141, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-83224>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.